

A obra *As Ordens Militares. Do Convento e da Guerra para o Mundo* reúne estudos que versam sobre as principais ordens em distintas geografias e âmbitos de análise, mostrando o seu impacto nos quotidianos sociais, políticos, administrativos, económicos e culturais europeus, entre os séculos XII e XVIII.

O ambiente social em que os freires se moviam é explorado e valorizado no capítulo “Famílias, linhagens e redes”. Na dimensão da guerra, contrapõem-se aspetos de violência e convergência, completados com visões da relação das ordens com *Outro*, incluindo os protagonistas de diferentes credos religiosos. O apartado sobre “As mulheres e Ordens Militares” oferece abordagens sobre as freiras das ordens, mas também sobre as ligações das mulheres laicas e dos conventos femininos das ordens religiosas com as ordens militares.

A dimensão comparativa dos territórios faz-se essencialmente ao nível das estruturas administrativas, com pontos de situação, e a relação das ordens com os vários poderes é tratada com enfoques diversificados. O tema das Ordens de Cavalaria, por seu lado, acrescenta conhecimento sobre a gestão e o valor das mesmas a partir de quinhentos.

Nos domínios da arte, da arqueologia e da cultura apresentam-se trabalhos de grande diversidade, tocando os aspetos culturais e artísticos, os iconográficos e simbólicos ligados à iluminura, a música, a arquitetura religiosa e militar em terras das ordens e o estudo de outras materialidades, nomeadamente as de proveniência arqueológica.

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

AS ORDENS MILITARES.
DO CONVENTO E DA GUERRA
PARA O MUNDO

COLEÇÃO
ORDENS MILITARES • 10
VOL. 2

COLEÇÃO
ORDENS MILITARES • 10
VOL. 2

AS ORDENS MILITARES DO CONVENTO E DA GUERRA PARA O MUNDO

COORDENAÇÃO
ISABEL CRISTINA F. FERNANDES



Município
Palmela

AS ORDENS MILITARES DO CONVENTO E DA GUERRA PARA O MUNDO



Município
Palmela

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA



O Presidente da República

AS ORDENS MILITARES DO CONVENTO E DA GUERRA PARA O MUNDO

**Textos seleccionados do
IX Encontro sobre Ordens Militares**

Coordenação
Isabel Cristina Ferreira Fernandes

**LAS ÓRDENES MILITARES
DEL CONVENTO Y DE LA GUERRA AL MUNDO**
Textos seleccionados del IX Encuentro sobre Órdenes Militares

**LES ORDRES MILITAIRES
DU COUVENT ET DE LA GUERRE AU MONDE**
Textes sélectionnés de la 9^{ième} Rencontre sur les Ordres Militaires

**THE MILITARY ORDERS
FROM THE CONVENT AND WAR TO THE WORLD**
Selected texts of the 9th Encounter on Military Orders

Vol. II

Coleção Ordens Militares 10

**GEOS - MUNICÍPIO DE PALMELA
PALMELA, 2026**

FICHA TÉCNICA

Título: As Ordens Militares. Do Convento e da Guerra para o Mundo

Textos selecionados do IX Encontro sobre Ordens Militares

Vol. II

Coordenação: Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Edição: Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GEsOS) – Município de Palmela

Largo do Município

2951-505 Palmela

+351 212 336 640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Grafismo da capa: Jorge Ferreira [a partir de detalhe do epitáfio do prior Estevão Vasques

Pimentel, da Ordem do Hospital, no Mosteiro de Leça do Balio (1336). ©Foto ICFF]

Revisão: Isabel C. F. Fernandes

Composição: José Luís Santos

Impressão e acabamento: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda. | www.artipol.net

Código de Edição CMP:

Depósito Legal: 56341 I/26

ISBN: 978-972-8497-98-9

Tiragem: 600 exemplares

As imagens insertas nos textos são da responsabilidade dos autores.

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa pelo Município de Palmela.

SUMÁRIO

VOL. I

Mensagem

Presidente da Câmara Municipal de Palmela 15

Evocação do Professor José Mattoso 17

FAMÍLIAS, LINHAGENS, REDES E ORDENS MILITARES

O poder de atracção das Ordens Militares (Portugal, Séculos XIV-XV)

Bernardo Vasconcelos e Sousa 25

Perspectives de recherche sur l'intégration des ordres religieux militaires à la société proche-orientale

Camille Rouxpetel 35

The Order of Faith and Peace: Aristocratic Networks in Thirteenth-Century Gascony

Damien Carraz 43

Le Temple en Champagne : jalons pour une histoire des réseaux de solidarité de l'ordre à la cour des Thibaudiens

Arnaud Baudin 57

Retour au local, aux archives... et aux archives locales : Jacques de Molay, en ses réseaux, tel qu'on ne le connaît pas

Philippe Josserand 73

Lignages moréotes et ordres militaires à la fin du Moyen Âge

Isabelle Guizard-Ortega 87

Les personnels laïques au service de l'Hôpital entre royaume de France et Empire à la fin du Moyen Âge

Jean Bernard 101

A ESTRUTURA DAS ORDENS MILITARES: GEOGRAFIA E ADMINISTRAÇÃO

The Military-Religious Orders in the Holy Roman Empire North of the Alps (12th to Early 14th Century)

Karl Borchardt 127

Administrative Structures of the Teutonic Order in Prussia and Livonia: a Comparative Approach

Krzysztof Kwiatkowski and Roman Czaja 139

The Military Religious Orders in England and Wales, Ireland, and Scotland

Helen Nicholson 165

The Military Orders in the Holy Land: Three Unanswered Questions

Nicholas Morton 185

Military Orders in Italy: an Overview of their Structures and Administration

Kristjan Toomaspoeg 195

Quadros histórico-geográficos das Ordens Militares no Reino de Portugal: breves observações

Saul António Gomes 215

Projetar a articulação territorial da Ordem do Templo no Portugal medieval: uma aproximação espacial através de SIG

Paulo Sá Sousa 227

La importancia de la toponimia para el estudio de la Historia del Temple

Carme Plaza i Arqué 249

ANTAGONISMOS,VIOLÊNCIA E ALIANÇA NAS ORDENS MILITARES

¿Qué es la enemistad? Las órdenes militares y sus adversarios

Nikolas Jaspert 265

The Fall of the Templars in the Crown of Aragon Revisited Alan Forey	281
Brothers in Arms? Evidence and Practices of Military Cooperation between the Military Orders Jochen G. Schenk	289
Les protocoles de réconciliation des ordres militaires de Terre Sainte durant les croisades Pierre-Vincent Claverie	303
Banners, Pennons and the like: Means of Martial Display – The Case of Military Orders of Santiago and Calatrava (12th – 14th Centuries) Thomas Kieslinger	313
The Hospitallers in the Province of Dacia in the 15th century. Negotiations and Violence in Inter-Scandinavian Religious and Political Discourse Kurt Villads Jensen	331
As milícias municipais ao serviço das Ordens Militares em Portugal nos séculos XII e XIII Carlos Afonso	339
Constructing Protagonism: Memories of the Military Orders from the Siege of Silves to the Battle of Alcácer (1189-1217) Cláudio Neto	371
Os mestres, as Ordens Militares e a defesa das frontarias do reino (1296-1383) Miguel Gomes Martins	393
As Ordens Militares em Portugal e a mobilização para a guerra em “tempos de transição” (1449-1521) António Martins Costa	411
A ideia de cruzada em <i>À lareira de Castela</i> de António Sardinha António Paulo Dias de Oliveira	421

ORDENS MILITARES E PODERES

Proyección política de las redes sociales del Hospital y Temple en el reino de Navarra en los siglos XII y XIII

Julia Pavón Benito

431

‘No One [...] is Truly Free’: The Templars, the Hospitallers and the Evolution of the English Polity, 1199-1272

Ross S. Kennedy

447

Quelques réflexions sur le rôle de la commission pontificale dans la procédure contre les Templiers (1309-1311)

Alain Demurger

465

A família Riba de Vizela e a Ordem do Templo – um exemplo de proximidade

Rui Figueiredo Nobre

473

Os arquivos como espaços de poder: os inventários do cartório do Convento de Tomar (Séculos XVI-XIX)

Joana Lencart

489

Juntos per concelho apregoado: a Ordem de Santiago e o governo concelhio em Setúbal no final da Idade Média

Ana Cláudia Silveira

505

Os Forais Novos das terras das Ordens Militares

José Manuel Vargas

523

VOL. II

ORDENS DE CAVALARIA E ORDENS MILITARES

Las Estrategias del Honor. Un enfoque comparado de los procedimientos de concesión de collares en las órdenes de caballería secular entre el Toisón de Oro, la Jarretera y Saint Michel (1519-1560)

Elena Postigo Castellanos

553

To establish and encrease the Amity: los stranger knights en la Orden de la Jarretera durante la dinastía Tudor

Amalia Yrizar

581

- La competición por conseguir una encomienda de una orden militar castellana: aspirantes y vencedores en el reinado de Felipe II**
Francisco Fernández Izquierdo 611
- La Orden de Montesa en las Cortes del Reino de Valencia de la época moderna (1484-1665)**
Fernando Andrés Robres 637
- La Guerra de Sucesión de España y la consecución de hábitos de Santiago y Cristo: un estudio comparado (España y Portugal)**
Fernanda Olival y Domingo Marcos Giménez Carillo 655

AS ORDENS MILITARES FACE A UMA DIVERSIDADE DE OUTROS

- La diferencia religiosa en el señorío de las órdenes militares: notas sobre el caso de los musulmanes**
Clara Almagro Vidal 681
- The Teutonic Knights and the indigenous Prussians**
Juergen Sarnowsky 693
- As redes familiares cristãs-novas e as Ordens Militares: os arrendamentos das comendas**
Maria José Ferro Tavares 703
- A normativa como instrumento de intervenção política e de regulação de espaços extra-conventuais**
Paula Pinto Costa 729

AS MULHERES E AS ORDENS MILITARES

- Las hospitalarias en la corona de Aragón. Religiosidad y proyección institucional (siglos XII-XIII)**
Maria Bonet Donato 745
- Las mujeres de la Orden de San Juan en Castilla durante la Edad Media (siglos XII-XV)**
Carlos Barquero Goñi 767

Le donne del Tempio Simonetta Cerrini	777
Los conventos santiaguistas femeninos a finales del siglo XV: una aproximación desde los libros de visita Maria Ferrer-Vidal	801
La primera expansión de comunidades religiosas femeninas en los territorios de las Órdenes Militares castellanas en las postrimerías del medievo Maria del Prado Rodríguez Romero	815
Mujeres laicas y eucaristia en tierras de Órdenes Militares Raquel Torres Jiménez	839
Criadas e escravas ao serviço das freiras e moças do coro da Ordem de Santiago (1600-1627) Joel Mata	867
ORDENS MILITARES: ARTE, ARQUEOLOGIA E CULTURA	
O poeta-pintor Jerónimo Corte-Real (c. 1525-1588), cavaleiro da Ordem de Cristo e iluminador de excelência Vitor Serrão	881
Os livros iluminados dos cartórios de Santiago e Avis. O 'Livro de Copos' e a cultural visual no tempo de D. João II Delmira Espada Custódio e Maria Adelaide Miranda	903
A capela funerária do condestável D. Álvaro de Luna, mestre de Santiago, na catedral de Toledo: heráldica e arte Miguel Metelo de Seixas	929
Memória de um cavaleiro. O moimento de Diogo Pereira na Capela de Maria de Resende – Igreja de Santa Maria dos Mártires, Alcácer do Sal Mário Cunha	953
Arquitectura del castillo templario de Barberà, de los orígenes a la actualidad Joan Fuguet Sans	973

The Headquarters of the Hospitallers and Templars in London and Paris	995
Lorenzo Mercuri	
Uclés, de <i>madina</i> islâmica a cabecera de la Orden Militar de Santiago (siglos XII-XIII)	1021
David Gallego Valle e Jesús Manuel Molero García	
El ajuar litúrgico del convento santiaguista de Uclés a finales de la Edad Media	1047
Jaime García Carpintero López de Mota	
Os enterramentos da Capela do Tesouro, na igreja-panteão da Ordem de Santiago, em Alcácer do Sal	1067
Rita Balona; Liliana Carvalho; Sofia Wasterlain	
Esporas de cavaleiro exumadas na Igreja do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal	1087
Mário Jorge Barroca; Rita Balona; Isabel Cristina Fernandes	
O culto medieval de Santiago em Alcácer do Sal e a sua continuidade em épocas posteriores	1109
Maria Teresa Lopes Pereira	
O culto de São Tiago na comarca de Setúbal durante o Período Moderno (Sécs. XVI-XVIII): uma análise histórica e diacrónica a partir das Visitações de 1552-1553 e 1782	1139
Rui Manuel Mesquita Mendes	
Tomar e o seu convento nos textos de Gaspar Leytão da Fonseca	1169
Ernesto Jana	
VARIA	
A música na Ordem de Cristo	1193
Cristina Cota	

**The Masters' Justice: Powers, Practices and Agents of Justice
in the Lands of the Military Orders of Avis and Saint James
(14th-15th centuries)**

João Pedro Alves

1207

**A relíquia do Santo Lenho:
um elo na intrincada relação entre a Ordem do Hospital
e a monarquia portuguesa**

Paulo Roberto Dias Lopes

1221

**8. ORDENS MILITARES:
ARTE,ARQUEOLOGIA E CULTURA**

**ÓRDENES MILITARES:
ARTE,ARQUEOLOGÍA Y CULTURA**

**ORDRES MILITAIRES :
ART,ARCHÉOLOGIE ET CULTURE**

**MILITARY ORDERS:
ART,ARCHEOLOGY AND CULTURE**

ESPORAS DE CAVALEIRO EXUMADAS NA IGREJA DO SENHOR DOS MÁRTIRES, ALCÁÇER DO SAL

MÁRIO JORGE BARROCA

Faculdade de Letras da Universidade do Porto | CITCEM¹

RITA BALONA

Câmara Municipal de Alcácer do Sal

ISABEL CRISTINA FERNANDES

GEsOS- Município de Palmela | IEM – UNL | CIDEHUS-UÉ

Introdução

Localizado 1 km a Oeste do Castelo de Alcácer do Sal, o Santuário do Senhor dos Mártires é sobejamente conhecido da Arqueologia portuguesa por estar associado a duas importantes necrópoles: a Necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires e a Necrópole Romana da Azinhaga dos Senhor dos Mártires². A primeira, identificada em 1874, foi escavada por, entre outros, Vergílio Correia³. Foi aqui, nesta colina, que os cavaleiros espatários ergueram um templo, num primeiro momento dedicado à Virgem, destinado a receber os enterramentos dos seus mestres e freires.

A construção deste edifício não parece estar articulada com a primeira ocupação cristã de Alcácer do Sal, quando o *hisn* de *Qasr Abi Danis* foi tomado por D. Afonso Henriques, em

¹ CITCEM (UID/04059/2025). DOI identifier <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>

² Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires da Idade do Ferro (CNS 171) e a Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires da época Romana (CNS 22918). Cf. PAIXÃO, António Cavaleiro “Alcácer do Sal proto-histórica no contexto mediterrâneo”, em *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, 2001, p. 149-172; FARIA, João Carlos, *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal e Edições Colibri, 2002.

³ CORREIA, Vergílio, “O ‘Senhor dos Mártires’ de Alcácer”, em *Monumentos e Esculturas (Séculos III-XVI)*. 2.^a ed., Lisboa: Livraria Ferin, 1924, p. 137-158. CORREIA, Vergílio, “Escavações realizadas na necrópole pré-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927”. *O Instituto*, vol. 75 (1928) Coimbra, p. 190-201.

24 de junho de 1158, como se regista nos *Annales Domni Alfonsi Portugalensium Regis*⁴, ou em 1160⁵. É com essa primeira ocupação cristã de Alcácer do Sal que se relaciona o Foral dos Mouros Forros de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer, que D. Afonso Henriques promulgou em março de 1170⁶. Volvida década e meia sobre a conquista, D. Afonso Henriques confiou o castelo de Alcácer à recém fundada Ordem de Santiago, uma doação confirmada por bula do papa Alexandre III, datada de 1175⁷, e de novo por seu filho, D. Sancho I, em 28 de outubro de 1186⁸. No entanto, a presença cristã seria interrompida pelas ofensivas almóadas de *Abu Ya'qub Yusuf, al-Mansur* que, em 1190-1191, vingaram a ousadia da conquista de Silves por D. Sancho I, em 1189. A povoação seria então rebatizada pelos almóadas como *Qasr al-Fath* – “Alcácer da Conquista”⁹, que aqui ergueram um importante sistema fortificado em taipa, de que sobrevivem importantes testemunhos¹⁰.

As devastadoras campanhas almóadas foram responsáveis pelo reposicionamento do espaço de fronteira no vale do rio Tejo, onde permaneceu durante três décadas. Como se sabe, a segunda conquista de Alcácer do Sal – a definitiva – ocorreu apenas em 1217, no quadro de uma expedição organizada pelo Bispo de Lisboa, D. Soeiro Viegas (1210-1232). O cerco iniciou-se a 30 de julho, mas as forças cristãs só conseguiram penetrar em Alcácer do Sal a 18

⁴ AMARAL, Luís Carlos e BARROCA, Mário Jorge, *Anais de D. Afonso, Rei dos Portugueses* | *Annales Domni Alfonsi Portugalensium Regis*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães (Comemorações dos 900 Anos da Batalha de S. Mamede, col. Fontes Narrativas para o Estudo de D. Afonso Henriques, vol. 1), 2024.

⁵ AFONSO, Carlos Filipe, *A Guerra Cristã na formação de Portugal (1128-1249)*. Lisboa: Edições Colibri e Comissão Portuguesa de História Militar, 2022, p. 424.

⁶ *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, *Leges et Consuetudines*. Edição Crítica de António Matos REIS, vol. IX, tomo 1, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2017, n.º 48, p. 138-139. Foi confirmado por D. Sancho I em 1186 (*Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*). Ed. de Rui de AVEZEDO, Avelino de Jesus da COSTA e Marcelino PEREIRA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1979, doc. 224).

⁷ ABRANCHES, Joaquim dos Santos, *Summa do Bullário Portuêz*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1895, n.º

9. A Ordem de Santiago fora fundada em Cáceres, a 1 de agosto de 1170, sob a direção de D. Pedro Fernandes, com o objectivo de defender as conquistas de Fernando II de Leão na Estremadura. Em Portugal encontra-se documentada desde junho e setembro de 1172 (*Documentos Medievais Portugueses - Documentos Régios (1095-1185)*), ed. de Rui de Azevedo, vol. 1, tomo 1, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1958, doc. 311 e 315). Sobre a Ordem de Santiago em Portugal veja-se, entre outros, OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Coroa, os Mestres e os Comendadores. As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*. Faro: Universidade do Algarve, 2009; OLIVEIRA, Luís Filipe, “A Ordem de Santiago em Portugal: A conquista das terras do sul (sécs. XII–XIII)”. *Cuadernos de Estepa*, 3 (2014), p. 89-102; OLIVEIRA, Luís Filipe, “De Leão a Portugal: A Ordem Militar de Santiago”. *Ad Limina: Revista de Investigación del Camino de Santiago y las Peregrinaciones*, vol. 11 (2020), Santiago de Compostela, p. 129-152.

⁸ *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, Ed. de Rui de AVEZEDO, Avelino de Jesus da COSTA e Marcelino PEREIRA, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1979, doc. 14.

⁹ FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira, “De *Qasr Abi Danis* a *Qasr Al-Fath* – Alcácer medieval islâmica entre o comércio e a guerra”, em *Catálogo Museu Municipal Pedro Nunes*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal, 2020, p. 61-79.

¹⁰ BARROCA, Mário Jorge, *Castelos da Ordem de Santiago*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2002, p. 24-27; PAVON MALDONADO, *Ciudades y Fortalezas Lusomusulmanes. Crónicas de viajes por el Sur de Portugal*. Madrid, 1993, p. 16-17; PICARD, Christophe e FERNANDES, Isabel Cristina F., “La défense côtière à l'époque musulmane : l'exemple de la presqu'île de Setúbal”. *Archéologie Islamique*, 8 (1999), CNRS- Maisonneuve & Larose, Paris, p. 67-94.

de outubro desse ano. O sucesso desta empresa militar, que contou com o auxílio de uma frota de Cruzados, encontra-se plasmado no célebre *Carmen* de Gosuino¹¹. No ano seguinte, em agosto, D. Afonso II outorgava o Foral de Alcácer do Sal¹². E, pouco depois, entregava de novo o castelo aos freires da Ordem de Santiago, que aqui instalaram a “sede” do ramo português da Ordem, até ser deslocada em 1245 para Mértola e, em inícios do século XIV, regressar a Alcácer. Aí permaneceu até 1482, quando foi transferida para o Castelo de Palmela.

É com esta segunda fase da presença espatária em Alcácer do Sal que se articula o importante conjunto edificado do Senhor dos Mártires. O primeiro templo erguido no alto da colina, onde outrora se implantara a Necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires, foi dedicado à Virgem, mais concretamente a Santa Maria dos Mártires. E cedo ganhou fama, sendo já mencionado nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, o Sábio (1252-1284)¹³. Mais tarde, passou a ser identificado na forma masculina de *Senhor dos Mártires*. O primitivo templo, infelizmente desaparecido, ainda devia apresentar características românicas. Seria, mais tarde, substituído pelo actual edifício. Em torno dele foram-se multiplicando os espaços de vocação funerária: a Capela do Tesouro, a Capela dos Mestres, a Capela de Maria de Resende e a Capela de Martim Gomes Leitão (esta entretanto demolida).

Implantada a sul do templo principal encontramos a Capela do Tesouro (Fig. 1), que foi Panteão da Ordem de Santiago e que apresenta dois tramos de diferentes épocas. É, de todos os espaços que sobrevivem no Senhor dos Mártires, o que apresenta características mais antigas. Mais tarde seria também designada como Capela dos FONSECAS e dos ABREUS. O seu espaço, com uma orientação axial ligeiramente divergente em relação ao templo principal, denota, nas anomalias de espessura dos seus muros, a ancestral ligação ao primitivo templo. O primeiro tramo da construção, que concentra as características arquitectónicas mais antigas, ainda de influência românica, cedo demonstrou ser insuficiente para receber os túmulos dos mestres e freires da Ordem, tendo sido ampliado com um segundo tramo. Esta ampliação talvez se possa associar ao segundo mestre do ramo português da Ordem de Santiago, D. Lourenço Eanes “Carnes” (1315-1318)¹⁴, que se sabe, por via do-

¹¹ O *Carmen* de Gosuino foi publicado por vários autores, o primeiro dos quais Fr. António Brandão. Veja-se, por todos, WILSON, Jonathan, *The Conquest of Santarém and Goswin's song of the Conquest of Alcácer do Sal. Editions and translations of De Expugnacione Scalabis and Gosuini De Expugnacione Salaciae Carmen*. Routledge: Oxon / New York. 2021, p. 73-152.

¹² *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, *Leges et Consuetudines*, n.º 128, p. 437-441.

¹³ Cf. METTMANN, Walter, *Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria*, 2 vols., Santiago de Compostela: Edicións Xerais de Galicia, 1981 (reimpressão facsimilada da edição de Coimbra, em 4 volumes), vol. 1, p. 755-756 (Cantiga 246), onde é relatado um milagre “que aveo en Alcácer” a uma mulher “que ya cada sábado a hua eigreja que chaman Santa Maria dos Martires”. Vd. tb. PEREIRA, Maria Teresa Lopes, “O culto de Nossa Senhora dos Mártires em Alcácer do Sal, a Senhora da Cinta e as Cantigas de Santa Maria”. *Medievalista*, 6 (2009), Lisboa, FCSH-UNL; PEREIRA, Maria Teresa Lopes “O santuário de Santa Maria dos Mártires de Alcácer do Sal (séculos XIII a XVI)”, em I. C. F. FERNANDES (coord.), *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente. Atas do V Encontro sobre Ordens Militares*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela - GEOS, p. 654-662.

¹⁴ Durante muito tempo dependente da Ordem castelhana, o ramo português da Ordem de Santiago ganhou

cumental, ter promovido obras na Igreja de Santa Maria dos Mártires¹⁵. Atendendo a que a Capela dos Mestres, o segundo espaço tumular do conjunto monumental do Senhor dos Mártires, foi apenas erguida em 1333, as obras promovidas por D. Lourenço Eanes devem corresponder, com toda a probabilidade, ao segundo tramo da Capela do Tesouro.



Fig. 1 – Capela do Tesouro. Igreja de Santa Maria dos Mártires, Alcácer do Sal. (Foto I. C. Fernandes).

Mas nem assim o espaço se revelou suficiente, o que ditou o aparecimento de um outro espaço funerário, anexo a norte do templo principal. Referimo-nos à Capela dos Mestres, um edifício gótico de planta octogonal, construído, como se referiu, em 1333, que sucedeu à Capela do Tesouro no desígnio de receber os túmulos dos mestres da Ordem. Segundo Pedro Dias, trata-se de um dos mais importantes monumentos góticos nacionais, “*uma das primeiras, se não mesmo a primeira, capela funerária de planta centrada construída em Portugal*”¹⁶, razão por que foi igualmente valorizada por Carlos Alberto Ferreira de Almeida¹⁷

autonomia no reinado de D. Dinis (PIZARRO, José Augusto de Sottomayor, *D. Dinis*. Lisboa: Temas e Debates, 2008, p. 135-136), tendo sido reconhecido pelo Papa através da bula *Pastoralis officii*. O primeiro mestre português foi D. João Fernandes (1290-1297) (PEREIRA, Maria Teresa Lopes, *Os cavaleiros de Santiago em Alcácer do Sal (Século XII a fins do século XV)*. Lisboa: Edições Colibri (1ª ed., 2015), 2.ª ed., 2020, p. 128-130).

¹⁵ PEREIRA, Maria Teresa Lopes, *Os cavaleiros...*, p. 132.

¹⁶ DIAS, Pedro, *A Arquitectura Gótica Portuguesa*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994, p. 108.

¹⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge, *O Gótico. História da Arte em Portugal*. Vol. 2,

e por José Custódio Vieira da Silva¹⁸. A inscrição fundacional, datada da Era Hispânica de 1371 (*Anno Domini* de 1333), esclarece que o promotor da obra foi o Mestre D. Garcia Peres, que dedicou o altar a S. Bartolomeu, elegendo o espaço para sua sepultura e a de seu irmão, D. Pedro Escacho, que também fora mestre espatário e que falecera pouco antes, algures entre 8 e 19 de maio de 1329¹⁹:

AD : LAVDEM : et : HONOREm : DEI : et : / BEATISSIME : MARIE : VIRGINIS
: S / VE : MATRIS : MAGISTER : DONNus / GARCIA : PETRI : FECIT : ISTAM
: / DOMUm : FVNDARI : et : EDIFICAVIT : Ib(i) / ALTARE : BARTOLOMeO
: APPostoLO : et : ELEGIT : / IBi : SePVLTVRAm : S(ib)i : et : FratRI : S(u)o :
MaGistRO : DONNO : / PETRO : SCACHo : TVNC : Era : M^a : CCC^a : LXXI

Para além dos mestres D. Pedro Escacho (1319-1329)²⁰ e D. Garcia Peres (1329-1346)²¹, foram igualmente aqui tumulados os mestres D. Lourenço Vasques (1348-1350)²² e D. Gil Fernandes de Carvalho (1351-1372)²³. Nas Visitações de 1513 registou-se que eram quatro os mestres de Santiago sepultados neste espaço: “*Jazem quatro mestres que foram desta Ordem*”²⁴.

Quando se começaram a abrir os alicerces para esta capela octogonal devem ter sido encontrados vestígios da velha necrópole proto-histórica do Olival do Senhor dos Mártires. Os ossos aparecidos foram depositados em cenotáfio ordenado pelo fundador, Mestre Garcia Peres, decisão perpetuada em curiosa inscrição que pode ser associada aos primórdios da Arqueologia em Portugal²⁵:

: AQ(u)i IAZ : A OSADA : Que A / CHAROM : NOS : FVNDAMENTO / S :
DESTA : CAPELA : et : O MAE / STRE : DOM : GARCIA : PerIZ :
/ POR LHis : SATISFAZER : MAN / DOV : QVE : A NON : TIREN : ENDE

Lisboa: Editorial Presença, 2002, p. 68.

¹⁸ SILVA, José Custódio Vieira da, “A Capela dos Mestres em Alcácer do Sal”, em *Estudos de Arte e História: Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, 1995, p. 234-238 (234-236).

¹⁹ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, 3 vols. em 4 tomos, Lisboa, FCG-FCT., 2000, Insc. n.º 583, vol. 2(2), p. 1565-1568.

²⁰ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval...*, vol. II, tomo, 2, p. 1567. O Mestre Pedro Escacho foi o responsável pela elaboração dos primeiros *Estabelecimentos* da Ordem de Santiago em Portugal, aprovados em 1327, que encerram, pela primeira vez, a lista das Comendas da Ordem (publicados por BARBOSA, Isabel Lago, “A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: Normativa e prática”, in *As Ordens de Cristo e de Santiago no início da Época Moderna. Militarium Ordinum Analecta*, vol. 2, Porto, 1989, doc. E, p. 233-234.

²¹ OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Coroa, os Mestres...*, p. 254-257.

²² OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Coroa, os Mestres...*, p. 258.

²³ OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Coroa, os Mestres...*, p. 259-263.

²⁴ SILVA, José Custódio Vieira da, “A Capela dos Mestres...”, p. 234-238.

²⁵ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval...*, Insc. n.º 725, vol. 2(2), p. 2040-2044.

A oeste da Capela dos Mestres ergueu-se a Capela de Maria de Resende, datada da primeira metade do século XV, edificada para acolher o túmulo de D. Diogo Pereira, comendador-mor da Ordem de Santiago, falecido em 1427. A iniciativa ficou a dever-se a sua mulher, Maria de Resende, que mandou lavrar um longo epitáfio laudatório de D. Diogo Pereira, encimado pelo seu escudo de armas coroado por paquife.

O conjunto monumental do Senhor dos Mártires compreendia, ainda, uma quarta capela – a Capela de Martim Gomes Leitão – instituída em 1402 e localizada na parede Sul do templo, a Ocidente da Capela do Tesouro, que foi demolida no século XVIII para dar lugar à nova torre sineira. Numa das paredes desta torre ainda é possível ver a lápide fundacional dessa capela. Trata-se de uma placa de mármore apresentando no campo central um escudo com uma espada de Santiago, soerguido por dois leões rampantes, tendo na moldura, em caracteres em relevo, a seguinte inscrição²⁶:

+ ERA : DE : MIL : CCCC : XXXX : / ANOS / SE ACABOV / ESTA CAPEELLA

Como se pode verificar, o conjunto monumental da Ermida do Senhor dos Mártires assumiu-se, desde cedo, como um importante lugar de memória para a Ordem de Santiago, onde se localizou o seu primeiro panteão e onde se implantaram as sepulturas de algumas das mais relevantes figuras desta Ordem militar²⁷. E não apenas nos quatro espaços anexos que foram erguidos ao longo dos tempos: também o templo principal recebera enterramentos de alguns dos mais prestigiados freires espatários, que se perderam com a remodelação arquitectónica. Nas Visitações da Ordem de Santiago, ocorridas no século XV, são referidos alguns enterramentos na Igreja, mencionando-se, nomeadamente, que “(...) *amte o cruzeiro jaz o Mestre dom Payo Peres Correya, mestre que foy desta Ordem de Santiago. O qual jaz em huuma capella muito rasa*”²⁸.

As escavações da Capela do Tesouro

Como referido em estudo neste volume²⁹, foram identificados e escavados na capela do Tesouro 36 enterramentos em inumação primária (11 na Zona A, 23 na Zona B e 2 na Zona C), para além de 11 ossários, perfazendo 38 indivíduos, dos quais 31 eram adultos (Fig. 2).

²⁶ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval...*, Insc. n.º 733, vol. 2(2), p. 2067-2071.

²⁷ Sobre a sacralidade do espaço e a sua escolha pela Ordem de Santiago, veja-se também FERNANDES, Isabel Cristina F., “A morte nas Ordens Militares em Portugal (Séculos XII-XIV): dados e reflexão a partir da arqueologia”, em *La dimensión religiosa y el patrimonio cultural de las órdenes militares. Un mundo global desde el medioevo, de Occidente a Tierra Santa*. Universidad de Castilla La-Mancha (no prelo).

²⁸ CUNHA, Mário, (...) *Visitando nós ora pessoalmente o dito meestrado de Santiago (...): As igrejas da Ordem Militar de Santiago: Arquitetura e materiais*. Dissertação de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012, p. 191.

²⁹ BALONA, Rita, CARVALHO, Liliana e WASTERLAIN, Sofia, “Os enterramentos da Capela do Tesouro, na igreja-panteão da Ordem de Santiago, em Alcácer do Sal”. Direção dos trabalhos arqueológicos: Rita Balona.

As sepulturas foram escavadas no sedimento, com orientação oeste-este, e recolheram-se vestígios que denunciam o uso de caixão de madeira. Os inumados foram, na sua quase totalidade, depositados em decúbito dorsal.



Fig. 2 – Planta da dispersão dos enterramentos da Capela do Tesouro.
(Desenho de Rita Balona e João Cardoso).

Segundo Balona, Carvalho e Wasterlain (2023)³⁰, a avaliação do perfil biológico classificou 39% (n=14) dos indivíduos como masculinos e 11% (n=4) como femininos. Não foi possível estimar o sexo em 50% (n=18) dos indivíduos e em termos de idade à morte, nove (25%) indivíduos seriam não adultos, nove (25%) seriam adultos de meia-idade e um (3%) seria adulto idoso. Por questões de preservação ou representatividade do esqueleto, 25% (n=9) foram apenas classificados como adultos. A avaliação do perfil biológico classificou 39% (n=14) dos indivíduos como masculinos e 11% (n=4) como femininos. Não foi possível estimar o sexo em 50% (n=18) dos indivíduos e em termos de idade à morte, nove (25%) indivíduos seriam não adultos, nove (25%) seriam adultos de meia-idade e um (3%) seria adulto idoso. Por questões de preservação ou representatividade do esqueleto, 25% (n=9) foram apenas classificados como adultos.

Foi possível estimar a estatura de 19 indivíduos adultos, balizando-se entre os 145,98 cm e os 169,11 cm (média: $158,9 \pm 1,54$ cm) e em termos de avaliação da saúde e doença, e apenas com os dados recolhidos no campo, 66,7% (n=24) dos indivíduos inumados exibiam alterações osteológicas sugestivas de patologia.

³⁰ BALONA, R., CARVALHO, Liliana M. de, WASTERLAIN, Sofia N., “‘Ante o cruzeiro jaz o mestre’: Resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII–XVI)”, em *Arqueologia em Portugal: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2023, p. 1169-1180.

As esporas do Enterramento 19

O Enterramento 19, que nos interessa particularmente, implantava-se no eixo central da Capela do Tesouro, quase perfeitamente alinhado com o seu arco, ocupando uma posição que sugere tratar-se da primeira sepultura deste espaço (Fig. 3). No registo arqueológico este enterramento corresponde à U.E. 660. Foi encontrado isolado, a uma cota mais baixa que outros enterramentos vizinhos, e sem que qualquer dessas outras sepulturas o intersectasse. O facto de este enterramento ter sido sempre respeitado, nunca sofrendo qualquer retumulação, reforça esta percepção de que estamos perante uma sepultura com um elevado valor simbólico para a Ordem de Santiago, eventualmente da sepultura fundacional deste espaço funerário.

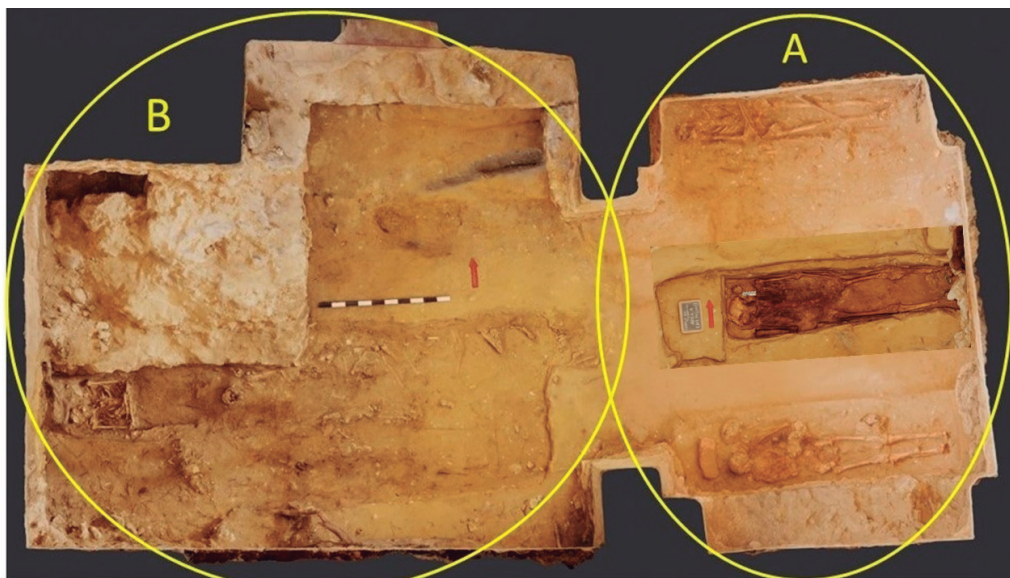


Fig. 3 – Posição do Enterramento 19 na Área A da Capela do Tesouro.
(Foto e composição de Rita Balona e João Cardoso).

Paradoxalmente, tratava-se de uma sepultura bastante simples: um simples ataúde de madeira, depositado directamente em cavidade feral aberta na terra³¹. Os vestígios da madeira constituíram a U.E. 662. A configuração do caixão era ligeiramente trapezoidal, um pouco mais larga na zona da cabeceira e estreitando timidamente até à zona dos pés. O ataúde media cerca de 1,92 m de comprimento e 0,50 m de largura (máxima). Foram identificados vestígios das tábuas de madeira, muito deterioradas, e um total de vinte e

³¹ BALONA, Rita, *Um novo olhar sobre a Capela do Tesouro, no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)*. Dissertação de Mestrado, Évora: Universidade de Évora, 2025, p. 39-54.

cinco pregos, alinhados ao longo da U.E. 662 (mais alguns dispersos na U.E. 660). No seu interior (U.E. 660) apareceu o material osteológico, o que confirmou a prática de inumação em caixão. A inumação seguiu os preceitos religiosos, com a cabeça voltada a Ocidente e os pés para Oriente. E o corpo foi depositado em *decubito supino* ou dorsal, isto é, de costas voltadas para o solo e o ventre para cima, com a cabeça inclinada sobre a face esquerda. Os braços apresentavam-se flectidos, com as mãos apoiadas nos ilíacos³² (Fig. 4).

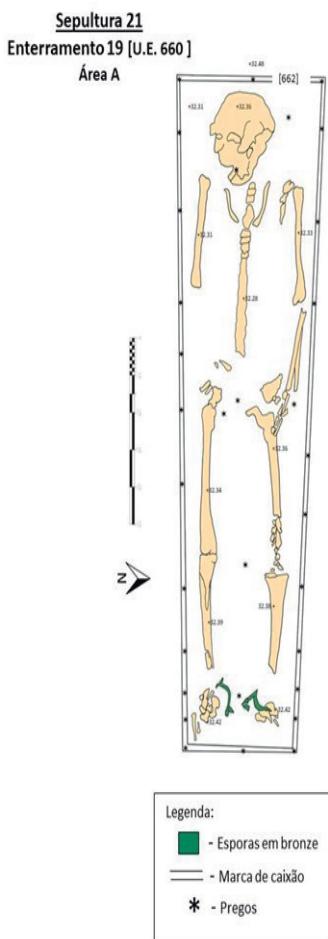


Fig. 4 – Enterramento 19. Capela do Tesouro, Alcácer do Sal. (Foto e desenho de Rita Balona).

A análise dos restos ósseos revelou tratar-se de um indivíduo do sexo masculino, com uma estatura de $167,2 \text{ cm} \pm 4,8$ ³³. A idade à morte foi estimada com recurso à fusão das epífises e

³² BALONA, Rita, *Um novo olhar sobre a Capela...*, p. 39.

³³ Foi o mais alto de todos os indivíduos escavados na Capela do Tesouro (BALONA, Rita, *Um novo olhar sobre a Capela...*, p. 40).

diáfises e fusão das vértebras sagradas, calculando-se que o óbito tenha ocorrido entre os 24 e os 40 anos. Os seus ossos revelaram o “Síndrome do Cavaleiro” alterações ósseas nas inserções musculares que testemunham uma regular e continuada prática de cavalaria³⁴. Os restos ósseos foram submetidos a datação de C14, cujos resultados apresentaremos mais à frente.

Apesar de não terem aparecido elementos relacionados com o vestuário (como botões ou fivelas), julgamos que se tratou de uma inumação vestida. A ausência de alfinetes parece afastar o uso de sudário. O único espólio registado foi a presença de um par de esporas, profusamente decoradas, que apareceram *in situ*, junto dos seus pés, revelando que o corpo as envergava no momento da tumulação (Fig. 5).



Fig. 5 – Enterramento 19: esporas *in situ*. (Foto de Rita Balona).

Trata-se de um par de esporas de espeto, em liga de bronze, profundamente decoradas e em muito bom estado de conservação³⁵ (Fig. 6, 7, 8, 9 e 10). Uma delas está completa e ambas ainda apresentam as fivelas e os apliques que prendiam as correias de couro para fixação nos pés. A espora do pé direito está fraturada na zona do espeto e não foi encontrado

³⁴ BALONA, R., CARVALHO, Liliana M. de, WASTERLAIN, Sofia N., “‘Ante o cruzeiro jaz o mestre’...”, p. 1169-1180; BALONA, Rita, *Um novo olhar sobre a Capela...*, p. 39-40.

³⁵ Para a descrição das esporas seguimos a terminologia definida por Lionello Boccia (BOCCIA, Lionello, *Dizionario terminologico – Armi difensive dal Medioevo all’Età Moderna*. Firenze: Centro Di.,1982).

o fragmento em falta (nem nos sedimentos dentro do caixão, nem no espaço exterior), o que sugere que já estava partida quando foi colocada no interior do ataúde. Durante o tratamento em laboratório comprovou-se que as esporas receberam um acabamento com folha de ouro.



Fig. 6 – Esporas e apliques do Enterramento 19. (Foto de Miguel Correia).

Os valores metrológicos das duas esporas são os seguintes:

Espora 1 (completa)

Espora de pé esquerdo

Comp.: 15,5 cm

Larg.: 9 cm

Comp. do espeto: 6 cm

Peso: 114 gr (Espora: 104 gr; Fivela: 10 gr)

Espora 2 (incompleta)

Espora de pé direito

Comp.: 10 cm (máx.)

Larg.: 7 cm

Peso: 87 gr (Espora: 80 gr; Fivela: 7 gr)

Vistas de perfil, as duas esporas apresentam um *aro* com uma pronunciada configuração curva, para melhor adaptação à anatomia do pé humano, contornando, nomeadamente, a inserção dos ossos da tíbia e do perónio (ou fíbula) na zona do tornozelo. Este pormenor é, tipológica e cronologicamente, muito importante e encontra-se documentado no espaço ibérico desde os anos 60 do século XII, aparecendo representado na Bíblia de León (manuscrito datado de 1162) e no Apocalipse de Lorvão (concluído por *Egeas* em 1189)³⁶. Os *aros*, em U, apresentam as faces laterais ricamente ornamentadas.

A superfície lateral dos *aros* foi dividida, por uma linha, em duas áreas e em cada metade foi representada, em baixo relevo, uma dupla fita entrelaçada, que acompanha as esporas em toda a sua extensão. Nas extremidades, junto da haste e do espeto, rematam com um campo único, comum, decorado com um S deitado, com remates vegetalistas.

³⁶ Veja-se, por exemplo, as esporas representadas no Apocalipse de Lorvão nos f. 108v, 115, 144 e 198. Cf. BARROCA, Mário Jorge, “Da Reconquista a D. Dinis”, em *Nova História Militar de Portugal*. Coord. de José MATTOSO, vol. 1, Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, p. 135; RODRIGUES, Diana M., *Esporas medievais no território português*. Dissertação de Mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021.

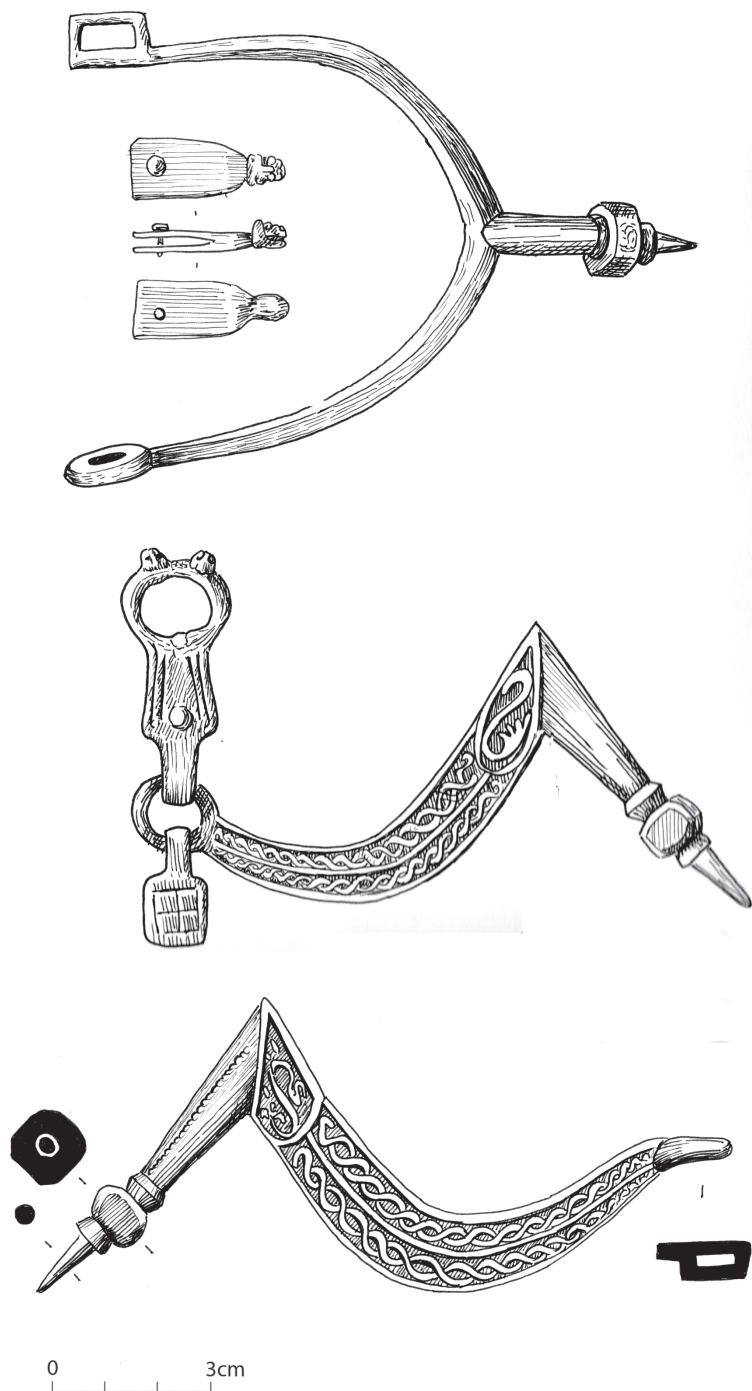


Fig. 7 – Espora do pé esquerdo do indivíduo do Enterramento 19. (Desenho de Guida Casella).



Fig. 8 – Espora do pé direito do indivíduo do Enterramento 19. (Desenho de Guida Casella).

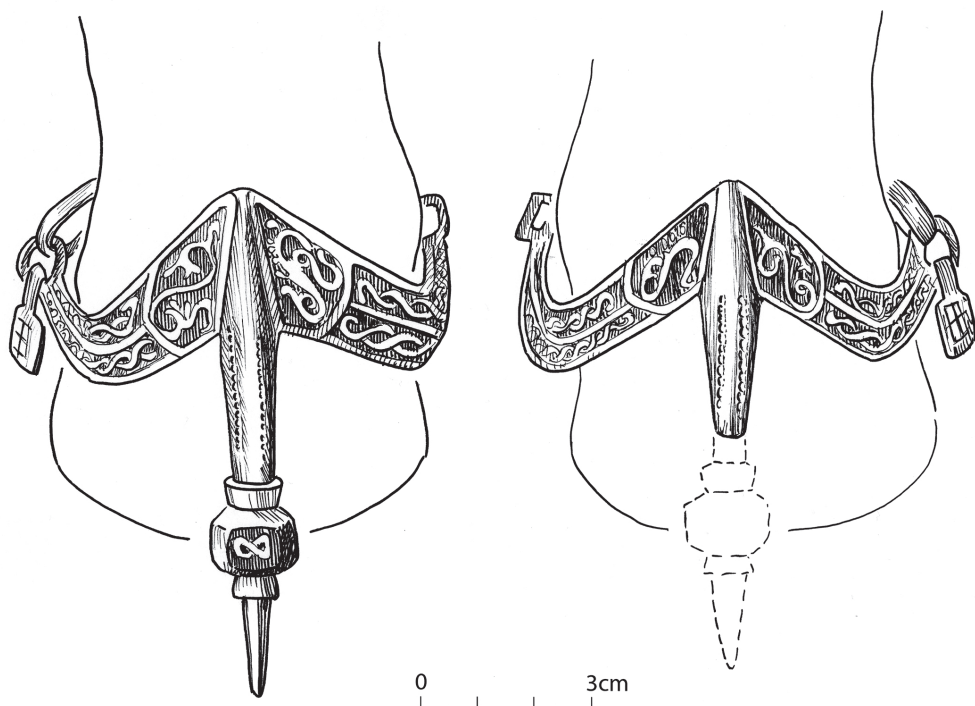


Fig. 9 – Parte posterior das esporas do Enterramento 19. (Desenho de Guida Casella).

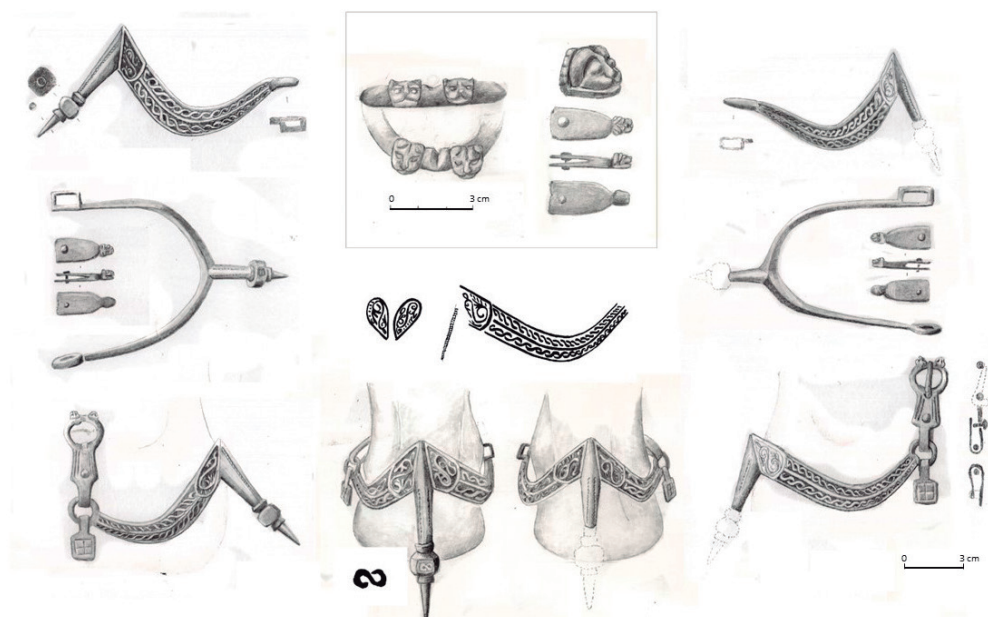


Fig. 10 – Conjunto de desenhos das esporas, fivelas e apliques do Enterramento 19.
(Capela do Tesouro, Alcácer do Sal). (Desenhos de Guida Casella).

A *haste* e o *espeto* apresentam-se pronunciadamente inclinados para baixo, formando um ângulo de 45° em relação à espora – utilizando uma expressão do nosso rei D. Duarte, são “*tortas pera fundo*”. A *haste* possui secção circular e, na face externa, apresenta uma tímida decoração. Na espora do pé esquerdo, que está completa, a haste remata com um nó subquadrangular (ou subcircular de faces achatadas), que recebeu na face virada para cima um pequeno símbolo, semelhante ao sinal de infinito (∞). Depois do nó encontramos o *espeto*, afilado, que mede cerca de 1,4 cm.

Nas extremidades do *aro* encontramos dois tipos distintos de remates. Na extremidade do aro que ficava voltada ao interior, o remate é rectangular e posicionado na horizontal, não apresentando em nenhuma das esporas elementos associados. Na face do *aro* voltada ao exterior, o remate é circular, alinhado verticalmente, e, nas duas esporas, apresenta-se ainda articulado com um aplique e uma fivela.

Como se sabe, o sistema de fixação das esporas compreendia uma correia fixa, presa por dois apliques, que passava por baixo do pé do cavaleiro (a *palmilha*); e uma correia móvel, que passava por cima do pé do cavaleiro (a *correia*), que abria e apertava com fivela. O aplique, ornamentado com um singelo motivo cruciforme, estava relacionado com a *palmilha*, certamente em couro, que passava por baixo do pé do cavaleiro. A fivela estava relacionada com a *correia*, o sistema móvel de fixação da espora, que passava pela parte superior do pé e era ajustado. Na fivela da espora do pé esquerdo já falta o fusilhão, mas na fivela da espora do pé direito ele ainda sobrevive. Apareceram, ainda, dois pequenos apliques, soltos, que eram cravados em tiras de couro e que rematam com uma pequena cabeça de canídeo (Fig. 11).

Este par de esporas de espeto destaca-se pela sua riquíssima decoração, apresentando elaborados baixos-relevos com motivos vegetalistas e representações de animais, fabricado em bronze e finalizado com folha de ouro (Fig. 12).



Fig. 11 – Pormenores dos apliques.
(Foto de Rita Balona e desenho de Guida Casella).

Datação de Carbono 14

Uma amostra do perónio esquerdo do indivíduo inumado foi sujeita a Datação de Radiocarbono, realizada no Laboratório de Vilnius – Dating Certificate No. 2023-06-05-FT-

MC-US578 (de 31.07.2023), e forneceu a seguinte datação: 1040 a 1218 (com um nível de confiança de 95%), situando-se a maior incidência entre 1150 e 1213³⁷.

Contextualização e alguns paralelos

As esporas de espeto (que os ingleses designam por *prick spur*) constituíram a primeira opção tipológica para este apetrecho fundamental do equipamento do cavaleiro, tendo sido apenas suplantadas, a partir do século XIV, pelo aparecimento das esporas de roldana (*rowell spur*), com as rodas ou roldanas carregadas de puas. Ainda assim, mesmo depois de terem surgido os primeiros exemplos de esporas de roldana, as esporas de espeto não foram imediatamente abandonadas, continuando a ser fabricadas e utilizadas, embora se tornassem progressivamente mais raras.

A espora foi, desde sempre, um atributo de cavalaria, assumindo-se, assim, como um poderoso símbolo social. Ao nível da estatutária jacente, os dois principais atributos utilizados para definir a condição social da nobreza masculina foram a espada e as esporas. Não se estranha, por isso, que estas peças tivessem algum requinte de acabamento, como é o caso do recurso a folha de ouro. Já na Lei da Almotaçaria, promulgada por Afonso III em 26 de dezembro de 1253, onde se tabelavam os preços de um conjunto muito diversificado de bens para o Entre-Douro-e-Minho, o monarca mencionava as esporas douradas, as prateadas e as estanhadas: “... *et spore stagnate valeant duos solidos et medium; et spore deaurate valeant duodecim solidos; et spore argentate valeant septem solidos... et corrigia de spore valeat tres denarios...*”³⁸. Ou seja, uma espora dourada (entenda-se, revestida a folha de ouro) custaria 144 dinheiros; uma espora prateada custaria 84 dinheiros; e uma espora estanhada apenas 30 dinheiros. Acrescentava o monarca que uma correia para espora (certamente em couro) valeria 3 dinheiros.

Quase um século volvido, também na Pragmática de 1340, que D. Afonso IV fez aprovar nas Cortes de Santarém desse ano, procurando combater os excessos de luxo, se menciona, a dado passo, as esporas douradas. No [Art. 17.º] determina-se que “*nom tragam Selaas lauradas. nem ffreos dourados. nem calças de scallata, nem Çapatos dourados. nem esporas douradas*”. E no [Art. 19.º] “*nem ffreo dourado nem calças de scallata. nem esporas. nem çapatos dourados*”³⁹.

Deste modo, quer a Lei de Almotaçaria, quer a Pragmática de 1340, revelam-nos a coexistência de diferentes tipos de acabamento das esporas, adequados ao poder de compra de cada cavaleiro, o que nos leva a não sobrevalorizar excessivamente os vestígios de folha de ouro presentes nas esporas de Alcácer do Sal. Eram peças de requinte, mas não seriam tão

³⁷ O gráfico relativo a esta datação pode ser visualizado neste volume, no estudo que precede este, da autoria de Rita Balona, Liliana Carvalho e Sofia Wasterlain.

³⁸ *Portugaliae Monumenta Historica, Leges et Consuetudines*, p. 196.

³⁹ *Cortes Portuguesas. Reinado de D. Afonso IV (1325-1357)*, 1 vol., Lisboa, FCSH-UNL, 1982, p. 108-110.

raras quanto isso... E, se não estavam ao alcance da pequena nobreza, certamente seriam apanágio dos ricos homens.

As referências ao acabamento, mais ou menos luxuoso, das esporas prolongam-se no século XV. Uma carta de quitação régia, transcrita na *Chancelaria de D. Duarte*, refere a compra no estrangeiro de doze pares de esporas douradas: “*Item d esporas douradas doze parãs*”⁴⁰.

É o mesmo monarca quem nos fornece uma série de informações importantes sobre a diversidade de esporas que coexistiam nos meados da primeira metade de Quatrocentos. No *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*, manuscrito inacabado em que D. Duarte estaria a trabalhar em 1438, quando a morte o surpreendeu, o monarca registou as esporas “de roda” (ou seja, de roldana) e as “de cano” (ou seja, de espeto), escrevendo: “*Na feiçom das sporas ha muytas diferenças: Já vy costumar trazêllas dereitas de razoado compasso, e curtas, tortas pera fundo, depois cumpridas e alguas tortas pera riba. E dellas de rroda, e outras de cano. E todo esto me pareceo que era trazido per teenções desvayradas: por que as dereitas de razoada longura, pera sellas que chamam franceses, som geralmente boas pera todas as bestas e tempo; de cano, proveitosas, e as de roda segundo nosso costume avydas por mais fermosas e seguras pera as bestas, por as tanto nom ferirem, ainda que com ellas, se teem as puas longas, mais se aqueixem. As voltadas pera fundo som boas pera cavallos fazedores, por que se podem as pernas mylhor çarrar, e o cavallo nom se fere tanto. As longas trazem pera os arneses de pernas (...) As tortas pera riba, para dar mais sem trabalho aas bestas pequenas que as muyto demandem (...)*”⁴¹. E, reflectindo a carestia destas peças do equipamento do cavaleiro, acrescentava: “*(...) E sse mays nom tener que huas, tragaas dereitas e de razoada longura, mais que curtas, e puas pequenas, por que som geeralmente melhores pera todo tempo e qual quer besta. (...) E todas, de qual quer feiçom, devem seer fortes de ferro, gonços, correas, que no pee se ponham bem justo e que a fyvella venha em seu logar pera bem parecer e proveito ...*”⁴².

Recentemente, Diana Rodrigues, na sua dissertação de Mestrado, inventariou 70 esporas medievais em Portugal, sendo 45 de espeto, 14 de roldana e 11 acicates muçulmanos⁴³. A estes exemplares devemos acrescentar pelo menos mais cinco: as duas esporas de Alcácer do Sal, que aqui nos ocupam; uma espora de espeto aparecida nas escavações do povoado da Senhora do Barrocal (Sátão), escavado por Catarina Tente⁴⁴, que apresenta estreitas afinidades com a espora de Castelo de Matos (Baião)⁴⁵; e duas esporas de roldana

⁴⁰ *Chancelarias Portuguesas. D. Duarte*. Ed. de João José Alves DIAS, vol. II, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1999, doc. 41, p. 68.

⁴¹ D. DUARTE, *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela que fez el-Rey Dom Eduarte*. Ed. crítica de Joseph M. PIEL. Lisboa: INCM, 1986, p. 131-132.

⁴² D. DUARTE, *Livro da ensinança*..., p. 132.

⁴³ RODRIGUES, Diana M., *Esporas medievais ...*, p. 49

⁴⁴ TENTE, Catarina, “Senhora do Barrocal (Sátão) na viragem do milénio. Primeira abordagem”, em *Do Império ao Reino. Viseu e o território entre os séculos IV a XII*. Viseu: Câmara Municipal de Viseu, 2018, p. 263-295 (p. 279).

⁴⁵ BARROCA, Mário Jorge, “A ocupação medieval em Castelo de Matos – Primeira abordagem”. *Arqueologia*, vol. 17 (1988), Porto: GEAP, p. 159-171; BARROCA, Mário Jorge, FERNANDES Isabel Cristina Ferreira, MONTEIRO,

que se conservam no Museu de Alenquer.

Em Portugal, as esporas de Alcácer do Sal encontram paralelo nas do Mosteiro de Vilar de Frades (Barcelos) e em esporas que se conservam nos acervos do Museu Regional de Évora e do Museu Municipal de Santarém.

As quatro esporas de espeto aparecidas nas escavações do Mosteiro de Vilar de Frades (Barcelos) foram estudadas e publicadas por Ricardo Erasun Cortés e Francisco Faure e por estes autores atribuídas ao século XIII⁴⁶. Trata-se de dois pares de esporas, saídas de contextos tumulares (Esporas VF99/30/23/16 e VF99/30/23/17 = Esporas 1 e 2 de Erasún Cortés e Faure⁴⁷; Esporas VF99/30/23/18 e VF/30/23/19 = Esporas 3 e 4 de Erasún Cortés e Faure⁴⁸). Os dois pares apresentam evidentes afinidades com os exemplares de Alcácer do Sal, quer na curvatura das esporas, quer nos espetos fortemente inclinados para baixo.

Os paralelos portugueses podem ser alargados a duas esporas pertencentes ao Museu de Évora, procedentes da Colecção Fr. Manuel do Cenáculo Vilasboas (1724-1814), que infelizmente são de proveniência desconhecida (ME 734/1 e ME 734/2)⁴⁹.

O Museu de Évora dispõe, ainda, de outras duas esporas, aparecidas nas escavações que Ana Gonçalves dirigiu no Claustro do Museu, onde identificou diversos enterramentos relacionados com a necrópole dos Freires da Milícia de Évora. Esta Milícia, instituída em 1175 com a missão de defender a cidade de Évora, passaria a ser conhecida como Ordem de Avis quando, em 1214, mudaram a sua sede para Avis, que receberam por doação régia de Afonso II, datada de 30 de junho de 1211, com a obrigação de aí construírem castelo e de povoarem o lugar⁵⁰. Estas esporas (ME 10863/1 e ME 10863/2)⁵¹ surgiram associadas a botões e apliques de vestuário decorados com uma cruz florenciada cantonada por travas, ou seja, com o símbolo dos Cavaleiros da Milícia de Évora, depois também adoptado pela Ordem de Avis⁵². Este conjunto afigura-se particularmente importante pelos dados cronológi-

João Gouveia (coord.), *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000, n.º 26, p. 286-287.

⁴⁶ ERASÚN CORTÉS, Ricardo e FAURE, Francisco Líbano Monteiro, “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*, Nova Série, vol. XXIX-XXX (2008-2009), Porto, p. 179-192.

⁴⁷ ERASÚN CORTÉS e FAURE, “Um conjunto de Esporas...”, p. 183-184; RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 113-115 e 116-118.

⁴⁸ ERASÚN CORTÉS e FAURE, “Um conjunto de Esporas...”, p. 184; RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 119-121 e 122-124.

⁴⁹ RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 159-161.

⁵⁰ BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia Medieval...*, vol. 2(1), Insc. n.º 275, p. 675-679.

⁵¹ GONÇALVES, Ana, “27 – Par de esporas de espeto” e “28 – Par de esporas de espeto e placa decorada”, em BARROCA, M. J., FERNANDES, I. C. F., e MONTEIRO, J. G. (coord.), *Pera Guerrejar. Armamento medieval no espaço português*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000, n.º 27 e 28, p. 287-289; RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 196-198.

⁵² GONÇALVES, Ana, “41 – Botões e fivela dos Cavaleiros da Milícia de Évora (futura Ordem de Avis)”, em BARROCA, M. J., FERNANDES, I. C. F., e MONTEIRO, J. G. (coord.), *Pera Guerrejar. Armamento medieval no espaço português*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000, n.º 47, p. 317-318; RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 196-198.

cos que os materiais nos facultam. Com efeito, estes enterramentos serão posteriores a 1175 (data da instituição da Milícia de Évora) e muito provavelmente anteriores a 1214 (data da mudança da sede da Ordem para Avis, onde se passou a localizar o cemitério dos freires).

Registemos, ainda, um conjunto de esporas pertencentes ao Museu Municipal de Santarém, que foram reunidas nos meados do século XX por um funcionário da Câmara, que, zelosamente, as recolheu no âmbito de obras municipais que afectaram os espaços de enterramento dos conventos escalabitanos. Infelizmente são todas de contexto arqueológico incerto (e algumas até de proveniência desconhecida). Uma dessas esporas é procedente dos trabalhos de abertura da Avenida Laurentino, naquela cidade (Espora MMS/003794)⁵³. O mesmo Museu possui um par de esporas oriundas de Santarém mas de local desconhecido (Esporas MS/003796 e MS/003796/1), que foram publicadas no catálogo da exposição *Pera Guerrejar. Armamento Medieval em Território Português*, com uma sugestão cronológica do “Séc. XV (?)”⁵⁴, proposta que, à luz dos dados agora disponíveis, terá de ser revista e recuada.

Acrescentemos, para finalizar os paralelos portugueses, que nas escavações do cemitério de S. Vicente de Fora, em Lisboa, foram encontradas esporas douradas ligadas aos cruzados falecidos durante o cerco de Lisboa de 1147⁵⁵.

Na vizinha Espanha existem também diversos paralelos que importam para o enquadramento das esporas de Alcácer do Sal. Procuraremos abordá-los de forma sucinta, seguindo uma ordem cronológica das datações atribuídas.

Em Alarcos, em contexto que se pode associar à famosa batalha travada a 19 de julho de 1195, em que as forças almóadas assinaram uma retumbante vitória sobre os exércitos cristãos, foram encontradas diversas esporas. Pelas afinidades que evidencia no seu espetto, interessa-nos uma espora aparecida, juntamente com um estribo, ferraduras e abrolhos, na chamada “Fossa dos Despojos”⁵⁶. No Museo de Ciudad Real conserva-se igualmente uma espora de ferro, aparecida na Alcáçova do Castelo de Alarcos, em contexto coevo da batalha, que também possui afinidades com os exemplares de Alcácer do Sal⁵⁷.

O paralelo mais interessante, e mais importante, é o do Mosteiro beneditino de S. João Baptista de Córias, nas Astúrias, onde as escavações forneceram um par de esporas com acabamento com folha de ouro. As esporas foram estudadas por Alejandro García Álva-

⁵³ RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 211-212.

⁵⁴ BARROCA, FERNANDES e MONTEIRO (coord.), *Pera Guerrejar...*, n.º 31, p. 293-295; RODRIGUES, Diana, *Esporas medievais...*, p. 213-215.

⁵⁵ PIRES, N. F. P., “S. Vicente de Fora – Meio século de actividade arqueológica”. *Arqueologia e História*, vol. 71-72 (2022), Lisboa: AAP, p. 235-248; FERREIRA, F. E. Rodrigues, “Escavações do ossário de São Vicente de Fora e o seu relacionamento com a história de Lisboa”. *Revista Municipal*, 2.ª série, vol. 4 (1983), Lisboa, p. 4-28.

⁵⁶ Cf. <https://cultura.castillalamancha.es/culturaenredclm/la-fosa-de-despojos-de-la-batalla-de-alarcos-19-de-julio-de-1195>.

⁵⁷ Museo de Ciudad Real, AL-88-III. Cf. SOLER DEL CAMPO, Álvaro, “Acicate”, em Juan ZOZAYA (coord.), *Alarcos 95. El Fiel de la Balanza*. Toledo, 1995, p. 197.

rez-Busto e Noelia Fernández Calderón⁵⁸, que, para o seu enquadramento, arrolaram um importante conjunto de paralelos espanhóis e portugueses. O túmulo que forneceu as esporas ocupava uma posição privilegiada, no transepto norte do templo monástico, em posição frontal ao altar de São Martinho. Trata-se do único enterramento documentado neste espaço, ao contrário do transepto sul, que abrigava quatro enterramentos. As esporas do Mosteiro de Córias, atribuídas por estes autores ao século XIII, apresentam enormes afinidades com as esporas de Alcácer do Sal, quer no que respeita ao perfil (com pronunciada curva para adaptação anatômica), quer no que respeita à haste e ao espeto (fortemente inclinados para baixo), quer ainda na sua fivela (em tudo semelhante às de Alcácer do Sal)⁵⁹. Como referimos, a proposta cronológica avançada por estes autores coloca estas esporas no século XIII.

Os paralelos convocados por Alejandro Álvarez-Busto e Noelia Fernández Calderón incluíram, para além das quatro esporas do Mosteiro de Vilar de Frades, já aqui abordadas, mais cinco conjuntos, todos com fortes afinidades tipológicas com as esporas de Córias: cinco esporas procedentes da Capela do Espírito Santo da Catedral de Tudela, atribuídas aos finais do século XIII ou inícios do século XIV; duas esporas procedentes da necrópole do Castelo de Ereñozar (Vizcaya), datadas do século XIII; duas esporas com acabamento em folha de ouro procedentes da necrópole da Colegiada de S. Prudêncio de Armentia (Vitória-Gasteiz), da segunda metade do século XII ou já do século XIII; duas esporas recuperadas de um enterramento no claustro da Colegiada de S. Martinho de Elines (Valderredible, Cantábria), atribuídas ao século XIII; e uma espора procedente do cemitério da Igreja de Santa Maria de Siones (Burgos), também atribuída à primeira metade do séc. XIII⁶⁰. Como se pode verificar, todas estas esporas, com grandes afinidades com os exemplares de Alcácer do Sal, apresentam consistentes propostas de datação dentro do séc. XIII e, algumas, à primeira metade dessa centúria.

Aos exemplos convocados por estes autores poderíamos, ainda, acrescentar outros exemplos, como uma espора do século XIII do Museu Arqueológico Nacional (Madrid) (MNA, Inv. 1873/29/483), estudada por Álvaro Soler del Campo e atribuída por este autor ao século XIII⁶¹ ou uma espора do Museo Nacional de Arte Romano (Mérida), de proveniência desconhecida (MNAR, Inv. 29952).

Por fim, poderíamos ainda invocar as esporas de D. Fernando III, o Santo (1217-1252), falecido a 30 de maio de 1252, que, oriundas do seu túmulo, se conservam na Catedral de Sevilha; ou as esporas do Infante D. Fernando de La Cerda, falecido a 25 de julho de

⁵⁸ ÁLVAREZ-BUSTO, Alejandro García e FERNÁNDEZ CALDERÓN, Noelia, “El Caballero de las Espuelas Doradas. Análisis arqueológico de un enterramiento nobiliario medieval del Monasterio de Corias”. *Gladius*, vol. XXXIV (2014), Madrid, CSIC, p. 135-152.

⁵⁹ ÁLVAREZ-BUSTO, A. García e FERNÁNDEZ CALDERÓN, Noelia, “El Caballero de las Espuelas Doradas...”, p. 135-152.

⁶⁰ ÁLVAREZ-BUSTO, A. García e FERNÁNDEZ CALDERÓN, Noelia, “El Caballero de las Espuelas Doradas...”, p. 140-141.

⁶¹ SOLER DEL CAMPO, Álvaro, “Estudio comparativo de un conjunto de espuelas bajomedievales”, em *Actas del II Congreso Medieval de Arqueología Española*. Tomo III, Madrid: Asociación Española de Arqueología Medieval, 1987, p. 179-190 (180-181).

1275 e sepultado no Mosteiro de Las Huelgas Reales, de Burgos, que apareceram quando o seu sarcófago foi aberto e se conservam, hoje, no Museo de Telas Medievales (MTM, inv. 001/1017 MH) e que também apresentam acabamento a folha de ouro⁶².

Em termos europeus, registemos que os espetos das esporas de Alcácer do Sal aproximam-se do Tipo 11 definido por J. Ward-Perkins no *London Museum Medieval Catalogue*, e por este autor datado do século XIII⁶³, enquanto que os terminais correspondem aos tipos D e E (atribuídos na mesma obra ao século XIII e fins do século XIII). Estas cronologias continuam a ser validadas por Blanche M. A. Ellis e Geoff Egan⁶⁴.

No que respeita aos apliques e às fivelas, registemos que as fivelas de Alcácer do Sal são absolutamente idênticas às do enterramento do Mosteiro de Córias e apresentam afinidades com exemplares londrinos estudados por John Clark⁶⁵ e por Geoff Egan e Frances Pritchard⁶⁶.



Fig. 12 – Detalhe da decoração e do douramento da espora esquerda.
Capela do Tesouro, Alcácer do Sal. (Foto de Rita Balona).

Conclusão

As esporas do Enterramento 19 do Senhor dos Mártires de Alcácer do Sal constituem um dos exemplos mais decorados e requintados que conhecemos para este tipo de apetrecho de cavalaria no Portugal medieval. Embora a sua tipologia já ocorra a partir do último

⁶² GOMEZ-MORENO, D. Manoel, *El Panteón Real de las Huelgas de Burgos*. Madrid: CSIC, 1946, p. 21-23 e 95.

⁶³ WARD-PERKINS, J., *London Museum Medieval Catalogue*. Londres, 1940 (reprint 1993), p. 95.

⁶⁴ Blanche M. A. ELLIS e Geoff EGAN, em CLARK, 2004, p. 127-128.

⁶⁵ CLARK, John, *The Medieval Horse and Its Equipment. Medieval Finds from Excavations in London*. London: The Boydell Press (1ª ed., 1995), 2004, p. 138 e 151.

⁶⁶ EGAN, Geoff e PRITCHARD, Frances, *Dress Accessories (1150-1450), Medieval Finds from Excavations in London*. Londres: Museum of London, 2022, p. 77.

quartel do século XII, o contexto arqueológico que ambienta este importante conjunto recomenda a sua inclusão nas primeiras décadas do século XIII, quiçá pouco depois de 1217, quando os freires espatários regressaram a Alcácer e aqui fixaram a sua “sede”, erguendo no Senhor dos Mártires o seu “panteão” funerário. A datação de C14 corrobora a interpretação arqueológica e histórica, tal como os paralelos peninsulares conhecidos. Atendendo à implantação axial do enterramento no espaço da Capela do Tesouro, tudo parece sugerir que estamos perante a sepultura de um alto dignitário da Ordem de Santiago em Portugal, eventualmente do primeiro comendador de Alcácer do Sal depois da conquista definitiva de 1217, Martim Pais [Barregão], que, no ano seguinte, já nomeado comendador de Alcácer, recebeu das mãos de Afonso II a doação do dízimo do ouro da Adiça⁶⁷.

⁶⁷ PEREIRA, Maria Teresa Lopes, *Os cavaleiros...*, p. 37-38.